



UBUNTU: NUM OLHAR DE ANDRÉ FRANÇOIS

UBUNTU: A LOOK FROM ANDRÉ FRANÇOIS

RESUMO – Autor de sete livros, o fotógrafo brasileiro André François lançará, brevemente, a obra *Ubuntu*. O livro reunirá imagens registradas de suas experiências vividas em 15 países durante 13 anos. Há 30, ele realiza documentários fotográficos pelo Brasil e pelo mundo. Nascido em São Paulo, François é premiado por diversas organizações como ONU, OMS e Prêmio Empreendedor Social, pois registra iniciativas positivas de colaboração nas áreas da educação, saúde e meio ambiente.

Em *Ubuntu*, encontraremos 95 fotografias documentais que vão desde a terra indígena Yanomami, no extremo norte do Brasil, a lugares como Haiti, depois do terremoto, Japão após o tsunami, China, países da África como Moçambique, Quênia, Ruanda e Burundi, até o contexto mais atual envolvendo a pandemia da COVID-19. Todas as imagens possuem em comum a filosofia africana, que intitula a obra, cujo significado é “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”, ou seja, nossas vidas são definidas e transformadas a partir do comunitário, do senso de coletividade.

A repórter Mariana Mascarenhas conversou com o fotógrafo François para entender melhor como ele soube traduzir

essa filosofia em imagens, a partir de seu olhar atento e singular para as diferentes realidades presentes no mundo, e como distintas culturas e histórias se unem, universalmente, pela linguagem do coletivo.

ABSTRACT – Author of seven books, the Brazilian photographer André François will soon launch the work *Ubuntu*. The book will bring together recorded images of his experiences in 15 countries over 13 years. For 30 years, he has been making photo documentaries in Brazil and worldwide. Born in São Paulo, François is awarded by various organizations such as the UN, WHO, and the Social Entrepreneur Award, as he registers positive collaboration initiatives of education, health, and the environment. In *Ubuntu*, you'll find 95 documentary photographs ranging from the Yanomami indigenous land, in the far north of Brazil, to places like Haiti, after the earthquake, Japan after the tsunami, China, African countries like Mozambique, Kenya, Rwanda, and Burundi, to the most current context involving the COVID-19 pandemic. All images have in common the African philosophy, which gives the title to the work, whose meaning is “A person is a person through other people”, that is,



our lives are defined and transformed by the community, from the sense of collectivity.

Reporter Mariana Mascarenhas spoke with photographer François to better understand how he could translate this

philosophy into images, based on his attentive and unique look at the different realities present in the world, and how different cultures and histories unite, universally, through the language of the collective.



Figura 1
O fotógrafo André François

LV: Conte um pouco sobre sua trajetória profissional e como surgiu a paixão pela fotografia.

François: Eu sou fotógrafo há pouco mais de 30 anos. O começo da carreira foi difícil, pois eu passei por várias escolas, como foto de teatro, fotojornalismo, foto de moda, publicidade, e não me encontrei em nenhuma dessas áreas. Eu fui me encontrar quando percebi meu desejo de registrar fotos com um propósito. Ao descobrir que isso era possível, eu decidi

quais fotografias passaria a registrar a partir de então: aquelas que contassem uma história, que fizessem sentido, ajudando a provocar uma reflexão, uma possível mudança, um amadurecimento. No entanto, as escolas pelas quais passei foram geniais. Por exemplo: a área de publicidade parece não ter nada a ver com esse propósito, porque hoje fazemos publicidade para tentar vender um produto, mas tem tudo a ver. Afinal, aprendemos várias técnicas as quais utilizamos para falar sobre um tema social



importante. Assim, todas as escolas em que eu estive, apesar de eu não ter seguido em suas respectivas áreas, me deram a base

necessária para que eu possa desenvolver o trabalho que realizo hoje.



Figura 2

Homem aguarda a vez na fila para receber medicamento antirretroviral, distribuído pelo Médico Sem Fronteiras. Vila Elia, Semonkong, Lesoto, 2012. Crédito: André François

LV: Como surgiu a ideia de viajar por 15 países para a realização dos registros fotográficos? Foi um plano elaborado desde o começo do projeto ou ele foi acontecendo conforme você vivia as experiências?

François: Eu trabalho com documentários fotográficos sobre saúde e qualidade de vida há 17 anos, aproximadamente. Já tenho seis livros publicados e *Ubuntu* é a sétima obra. Depois do sexto livro, eu quis ir além, trazendo a essência das pessoas. Nos outros livros, eu falo muito sobre o cuidado, o cuidar do outro, o acesso à saúde, enfim, questões sociais dentro da

saúde. E em *Ubuntu* eu queria falar muito sobre a importância da conexão entre as pessoas, como isso de fato pode mudar as nossas vidas. No começo, tudo isso ainda não estava claro para mim. Eu já sabia que queria falar das conexões, porém ainda não sabia como fazer. Todo projeto que eu faço tem um momento caótico. Eu crio o projeto, desenvolvo a parte teórica, e, num dado momento, preciso executá-lo. E vemos que a prática não é igual à teoria, pois ela tem suas diferenças. Nesse momento, então, precisamos amadurecer o conceito daquela teoria criada para, realmente, termos um projeto verdadeiro, mais honesto e profundo.



Figura 3

Sean Heang é mãe de três filhos e soropositiva. Ela perdeu o marido quando estava grávida da filha mais nova. Vila Teaksen Tbong, Camboja, 2008. Crédito: André François

O momento caótico acontece, justamente, quando temos que adequar o projeto. Em outros trabalhos, esse momento demora meses, em *Ubuntu* ele demorou anos. Durante os 13 anos em que desenvolvi o projeto, eu passei os três primeiros anos vivendo esse caos, que consistia no seguinte questionamento: como eu juntaria uma imagem feita, por exemplo, na Aldeia Yanomami, no Norte do Brasil, com uma imagem feita na China, ou no Haiti, após o terremoto? Como eu falaria das conexões? Como todas essas fotos se comunicariam?

Eu precisei de três anos para entender tudo isso e encontrar a linha que costuraria todas as imagens dos lugares a que fui. Eu encontrei algo mais universal, que foi além da fronteira, da cor da pele e de muitas outras questões.

LV: E o que costurou todas essas imagens?

François: Depois de três anos caóticos, percebemos que o que une as imagens, independente de onde foram feitas, é o poder do “nós”, principalmente nos momentos mais caóticos da vida das pessoas, marcados por tragédias, crises etc. Eu passei muitos anos da minha vida indo a lugares mais pobres, simples, justamente para mostrar a dificuldade na vida das pessoas. Porém, dessa vez foi ao contrário, quando eu fui para o Haiti, por exemplo, eu não fui buscar tragédia, mas o quão incrível era o trabalho das pessoas e como elas se uniam, tornando-se mais poderosas. *Ubuntu* vem mostrar o quanto podemos aprender com esses indivíduos, pois, muitas vezes, vivemos dentro de



nossas casas, com a sensação de segurança, tendo até a impressão de que não precisamos de nada, que somos

independentes. Só que a vida não é tão legal dessa forma. Essa é a grande essência do *Ubuntu*.



Figura 4

Mulheres trabalham na construção de uma parede nos arredores do Parque Nacional dos Vulcões. Kinigi, Rwanda, 2012. Crédito: André François

LV: Poderia narrar algumas das experiências mais marcantes, ocorridas durante a viagem aos 15 países?

François: A maioria das viagens foi planejada há meses. Elas duravam de dois a três meses em cada lugar. Na China, por exemplo, fiquei três meses. Então, havia um planejamento, as viagens não ocorriam em função de uma catástrofe ou questão social iminente. Mas, no Haiti foi

diferente. Em 2010, acordamos, um dia, e soubemos de um terremoto de 7.4 graus na escala Richter e percebemos que os números de mortos iam crescendo, chegando a 60 mil. Uma semana depois desse ocorrido, nós estávamos na República Dominicana sem saber como entrar no Haiti e chegar até Porto Príncipe (*capital do Haiti*). Esse tipo de desafio exige muito de nós. Eu viajava com a jornalista Ana Paula Poletto, quem atua comigo desde o começo do projeto.



Figura 5

Ritual de cura realizado pelo xapore, o xamã Yanomami. Comunidade Xitei (RR), Brasil, 2008. Crédito: André François

Mas, apesar do planejamento, tanto essa viagem para o Haiti, quanto o trabalho de documentar o desastre e a situação das pessoas em Porto Príncipe, após o terremoto, não foram nada planejados. O que nos ajudou foi a nossa capacidade de nos adequarmos. Quando eu planejo uma viagem, não significa que eu desejo executar esse planejamento, pelo contrário, eu quero chegar a um lugar tendo o planejamento como segunda opção. Somente quando as coisas dão errado, que eu farei o planejado. O que eu quero é sentir as pessoas em campo, entender o que está acontecendo, aprender com aquilo, e as pessoas e situações me levarão para onde eu devo ir. Isso não se planeja. Então, usar um planejamento significa que algo não está indo bem.

LV: E considerando que a fotografia capta justamente o inesperado, essa afirmação se encaixa perfeitamente.

François: Sim. E uma história nos leva a outra. Por exemplo, quando eu estava na República Dominicana, recebi uma notícia de que os médicos brasileiros que estavam em uma cidade próxima de Porto Príncipe não tinham comida. Então, a equipe que dava suporte na República Dominicana comprou bastante alimento e eu me responsabilizei por levar a comida até eles. Para isso, eu e a Paula enchemos uma van de alimentos. Um médico e um motorista foram conosco. Nós cobrimos os vidros da van para ninguém ver, pois poderíamos ser saqueados. E começamos a viagem. Foi um dos momentos mais tensos da minha vida. Ao atravessarmos a fronteira,



que estava totalmente destruída, vimos muitas pessoas da República Dominicana armadas, impedindo os haitianos de cruzarem a fronteira. Eu tive medo. Olhei para a Paula e o médico e perguntei se tinham certeza que queriam fazer aquilo,

pois, ao atravessarmos a fronteira, não teria mais volta, estaríamos por conta. Algumas vezes eu perguntava para a Paula se ela tinha certeza de onde estava se metendo, pois é um risco tremendo. Não estávamos com uma equipe.



Figura 6

Jovem é consolada após amputação em hospital de campanha estruturado para socorrer população haitiana após o terremoto. Les Cayes, Haiti, 2010. Crédito: André François

Enfim, atravessamos a fronteira e fomos parar em um acampamento da ONU em Porto Príncipe. Lá, nós vimos que a equipe médica já não precisava mais dessa alimentação. Então, doamos os alimentos para um bairro local. Fomos acolhidos pela Força Aérea Brasileira (FAB). Era um acampamento superluxuoso: havia tendas com ar condicionado e água quente. No segundo dia, nós sairíamos em missão e o brigadeiro, líder da FAB, disse que

prepararia para nós dois carros blindados e 12 soldados armados para nos acompanhar durante o trabalho fotográfico. Eu olhei para o brigadeiro e agradei, mas disse que não poderia aceitar, pois não teria como entrar na casa das pessoas com veículos blindados e soldados armados. Ele disse que não poderia nos deixar sairmos sozinhos, pois estávamos sob responsabilidade dele, uma vez que ocupávamos o acampamento da



FAB. Então, eu agradei a recepção e a gentileza, dormi lá por mais uma noite e, na manhã seguinte, já fomos para a rua.

Nos 30 dias seguintes, nós dormimos no hall de entrada de uma escola que havia sido parcialmente destruída, juntamente com uma família que havia perdido tudo. Nós demos dinheiro a essa família e compramos comida tanto para ela quanto para nós. Comíamos lá uma vez por dia e ela preparava o alimento para nós. Conseguimos um guia que era professor. A partir daí, ficamos 30 dias nas ruas, com outras pessoas, entendendo o que estava se passando e deixando as histórias acontecerem. Foi intenso. Uma das experiências mais difíceis que eu vivi em minha vida.

LV: Ao analisar sua obra e ouvindo tais relatos, eu posso dizer que senti uma proximidade muito maior com as realidades registradas por você do que quando acessamos tais cenários pela mídia, por exemplo, em meio ao bombardeamento imagético. Algo que ocorreu, por exemplo, com as imagens sobre a pandemia da COVID-19 estão as que mais me impactaram. Inclusive, tais registros, ao contrário dos demais que estão em preto e branco, possuem cor justamente por se tratar do período mais atual. Poderia falar um pouco mais?

François: Com a pandemia da COVID-19, aconteceu algo inédito em minha vida, pois eu transformei São Paulo em meu local de trabalho. Eu nunca havia

fotografado em São Paulo, pois é o lugar onde moro, então eu tenho dificuldade de encontrar esses momentos.

Quando eu senti que a pandemia da COVID chegaria e sabia que viria com força, inclusive eu conheço muitas pessoas da área da saúde, já preparei o meu espaço para documentar tudo dentro do HC (*Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP*) de São Paulo, que é um local super fechado. Para se ter uma ideia, nenhum profissional da mídia conseguiu entrar lá durante os seis primeiros meses da pandemia, pois, no começo, todos tinham muito medo. Um final de semana antes de começarmos o trabalho, eu quase me arrependi, pois todos queriam fugir daquela situação, até mesmo os profissionais de saúde; e eu e a Paula tínhamos morrer com a doença. No entanto, já havíamos nos comprometido. Um lado meu morria de medo, mas outro me dizia para ir, que era preferível morrer assim do que de outro jeito. E então nós fomos.

Um dos momentos mais complicados que eu acompanhei durante a pandemia não foi ver as pessoas morrerem de COVID, mas vê-las morrerem isoladas. Isso é muito difícil: ver alguém sozinho, longe da família, passar por esse processo e ir embora sem ninguém. A própria equipe de saúde me dizia que estava acostumada a ver muita gente morrer, mas não sozinho. Então, por meio da ONG ImageMágica, fundada por mim, mas tocada por várias outras pessoas, nós desenvolvemos um projeto de conexão: conectar os pacientes com seus familiares por meio de vídeo



chamadas. Esse projeto já foi feito em mais de 80 hospitais. No fundo, o nosso trabalho fotográfico contribuiu para a

realização de novos projetos sociais como esse. Assim, começamos a fotografar e veio a cor em uma narrativa imagética.



Figura 7

Chegada de paciente na ambulância na Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas nas primeiras semanas da pandemia da COVID-19 no Brasil. Ribeirão Preto (SP), Brasil, 2020. Crédito: André François

Eu sou um fotógrafo que trabalho, basicamente, com cores branca e preta. Mas, naquele momento, eu achava importante trazer a cor em alguns momentos. Ela foi crescendo no livro, porque eu queria trazer a sensação do que está acontecendo hoje, aqui, com todos nós. E o preto e branco, às vezes, é romântico demais e nos dá a ideia de

distanciamento, quando olhamos algo que se passa no Haiti ou China, por exemplo, ficamos tristes, porém não está acontecendo conosco.

Com a COVID é diferente, pois envolveu todos nós. E, no fundo, *Ubuntu* é com todos nós em qualquer momento. É algo para exercitarmos diariamente. Isso faz a diferença em nossa vida.



Figura 8

Equipe de saúde celebra alta do paciente Richard Silva, que ficou dias internado com COVID-19 no Hospital das Clínicas. São Paulo (SP), Brasil, 2020. Crédito: André França

LV: A ideia de usar a cor nas imagens para trazer maior proximidade da realidade apresentada foi excelente, principalmente se considerarmos o triste cenário de negacionismo à pandemia, mesmo com tantas mortes. E, ao abordar sobre a tristeza de ver alguém morrer sozinho, eu gostaria de citar uma imagem, em especial, que me impactou bastante e me trouxe várias reflexões. Trata-se de uma fotografia em que podemos ver uma das mãos de um profissional de saúde segurando um celular, o qual registra uma live entre quatro pessoas e uma delas é um paciente bem debilitado. Nesse momento, vemos o encontro de várias histórias e, ao mesmo tempo, diversos bloqueios que impedem o

contato presencial, como o celular dentro de um saco plástico, a mão, que segura o celular, dentro de uma luva, cada um dentro de seu espaço limitado. Foi uma das imagens mais impactantes. No entanto, para além da tristeza, ao olhar para um registro como esse vejo o amor ali presente, seja nas mãos do profissional de saúde que permite aquele encontro, ou nos demais que dialogam pela live. Os corações não estavam juntos fisicamente, mas se uniram pelo cuidado proporcionado. E você fez uma leitura desses encontros de maneira muito delicada e profunda. A partir de tudo isso, gostaria que explicasse um pouco mais sobre a origem do nome da obra (*Ubuntu*).



Figura 9

Visita virtual realizada para um paciente de cuidados paliativos por seus familiares durante a pandemia da COVID-19 na Unidade de Emergência do Hospital das Clínicas. Ribeirão Preto, Brasil, 2020. Crédito: André François

François: Foi a Paula quem trouxe para a obra esse conceito e percebemos na hora que estávamos fazendo *Ubuntu*. Até então não sabíamos disso. *Ubuntu* é uma filosofia africana muito antiga, cuja essência é “Eu sou porque nós somos”. “Seja feliz quando nós formos felizes.” “Seja realizado quando a gente se realizar.” É muito mais o poder do “nós” do que o poder do eu. Ele também envolve a questão da natureza, como as árvores se conectam pelas raízes. Algo ainda recente para nós, pois estamos descobrindo, começando a ter comprovações científicas

a respeito dessa conexão. As árvores-mãe, por exemplo, se comunicam com as árvores novas. Elas se ajudam. Esse poder do “nós” é *Ubuntu*, que conectou todos os trabalhos, porque isso é universal, é independente de religião, raça, qualquer bandeira. Está inerente ao ser humano e à natureza. Quando percebemos, vimos que estávamos fazendo isso. Assim, nada mais justo do que dar valor ao que estávamos fazendo. E assim surgiu *Ubuntu*. Não sei se nós descobrimos *Ubuntu* ou se fomos descobertos por ele.



Figura 10

Grupo de jovens cuida do espaço cedido para agricultura vertical. Mukuru, Nairóbi, Quênia, 2012.
Crédito: André François

LV: A obra será lançada no dia 29 de outubro, no Parque Linear Bruno Covas (São Paulo), onde também acontecerá, até o dia 29/01/23, uma grande exposição do projeto. Poderia contar um pouco mais?

François: A exposição é aberta. Nós decidimos montá-la em um parque, pois o conceito de *Ubuntu* deveria estar presente em tudo, inclusive na mostra. Eu acredito que, assim, mais pessoas podem ver, está para todos, em um material mais acessível. Quem puder, compareça.

LV: Quem quiser adquirir o livro, como faz?

François: Em breve, a obra estará disponível na Amazon. Por enquanto é

possível adquiri-la pelo site da ONG ImageMagica (imm.org).

Para encerrar nossa entrevista, gostaria de comentar sobre como muitas pessoas, infelizmente, têm usado das imagens para deturpar a realidade, produzir uma indústria de fakenews e, assim, contribuir para um ambiente polarizado marcado por bolhas e falta de comunicação. Nadando contra essa corrente, você vem com seu lindo trabalho nos mostrar a realidade e, ao mesmo tempo, a esperança presente nela, por meio das pessoas que cuidam, amam e fazem a vida florescer. Você diria que, com seu trabalho, faz as pessoas enxergarem a realidade e, até mesmo, ver a totalidade dos fatos de maneira a



distinguir o que é real do que não é real?

François: É o que eu espero sim. O que me move não é, exatamente, mostrar a realidade, pois ela é algo muito pessoal, mas, com certeza, provocar uma reflexão sobre o tema. No caso de *Ubuntu*, ressaltar a conexão entre as pessoas e como isso pode mudar nossas vidas de maneira muito incrível, pois, ao final das contas, independentemente do lado em que estamos, nossa essência é a mesma, todos nós temos os mesmos desejos: felicidade, segurança, bem-estar da nossa família... Então, eu acho que a imagem é muito poderosa e, por isso, ela pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal. Esse é mais um motivo para que possamos, cada vez mais, ler e entender uma imagem. Pois, quando nos apropriamos cada vez mais da leitura visual, teremos mais discernimento sobre a imagem e o que vemos. Estamos num momento imagético e a imagem é usada de várias formas. Então fica a provocação para todos: vamos estudar um pouco mais o significado de tudo isso, a fim de nos prepararmos para interpretar o que estamos vendo de uma maneira mais segura.

Referência bibliográfica:

FRANÇOIS, André. *Ubuntu*. eu sou porque nós somos. São Paulo: ImageMagica, 2022.